

AUGUSTO ROCHA

SANTUÁRIO DE S. FRANCISCO DE CANINDÉ

RESUMO HISTÓRICO (SEGUNDA EDIÇÃO)

EDITOR – José Geminiano Gondim – CANINDÉ

Tipografia Minerva – A. Bezerra – Ceará – 1911

OBRAS DO MESMO AUTOR

A publicar:

História e Corografia do Município de Canindé – 1 vol.

Genealogia da Família Barbosa Cordeiro – 1 opúsculo

Ruínas – novela

Penumbras – contos e fantasias

Risos e Lágrimas – poesias

Ao Excelentíssimo Reverendíssimo Senhor DOM JOAQUIM JOSÉ VIEIRA

Bispo da Diocese do Ceará

O. D. C.

A. R.

Ao Reverendíssimo Senhor FREI MATHIAS DE PONTERANICA

Missionário Capuchinho

Tributo de gratidão e respeito do autor.

Por contrato celebrado entre o autor e o editor, esta obra é de absoluta propriedade deste último.

DUAS PALAVRAS

... mais il est permis même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de la dire.

VICTOR HUGO

Publicando o presente trabalho, temos em vista oferecer ao público um esboço histórico do célebre Santuário de São Francisco de Canindé, para que fique mais ou menos satisfeita a curiosidade, aliás, justificada, de muitas pessoas, especialmente romeiros, que desejam conhecer a origem desta Igreja e de sua grande celebridade.

Procuramos escrupulosamente escrevê-lo com toda a imparcialidade, escudado em fatos autênticos, colhendo em fontes insuspeitas os dados para a sua composição. Além dos livros da Paróquia, que consultamos, colhemos grande soma de esclarecimentos sobre o assunto em manuscritos e notas avulsas que nos forneceram obsequiosamente os distintos cavalheiros: Major João Facundo Vieira da Costa, tabelião desta comarca, e o Reverendo Padre Luiz de Souza Leitão, atualmente Vigário no Estado do Pará.

Este pequeno esboço histórico, pois, não é mais do que uma organização feita por nós, cujo original é devido ao espírito investigador dos cavalheiros acima mencionados.

Quanto aos fatos extraordinários que se relacionam com a Igreja, ouvimos alguns a pessoas de inteiro crédito e a tradição forneceu-nos outros, e assim transmitimo-los ao leitor com toda a simplicidade, omitindo qualquer opinião pessoal. Igualmente utilizamo-nos de diversas informações a respeito da Igreja, encontradas em “A Capela Milagrosa”, de Álvaro Martins, à qual não nos cingimos inteiramente por encontrarmos nela diversos erros históricos, os quais refutamos com argumentos inconcussos nestas páginas ligeiras.

Procuramos, em todo este trabalho, empregar uma linguagem chã, simples e sem artifícios, por julgarmo-la conveniente à índole desta obra, que se destina ao povo em geral.

Portanto, damo-nos por bem pagos se com este pequeno serviço que prestamos à terra que nos serviu de berço, contribuirmos de alguma forma para o desenvolvimento do fervor religioso e da grande confiança no grande e humilde Patriarca de Assis.

Canindé – Junho de 1907

A. Rocha

ADVERTÊNCIA

Convidado pelo editor deste trabalho para melhorá-lo e completá-lo em certos pontos, a fim de ser dada a sua Segunda edição, aqui a apresentamos com diversos melhoramentos no atinente à administração dos Frades Capuchinhos.

O bom acolhimento que teve este opúsculo da parte do público, sendo esgotada em pouco tempo a sua primeira edição, é motivo para desvanecer-nos, na satisfação íntima de havermos também contribuído para o extraordinário desenvolvimento que vai dia a dia tomando a nossa terra, mercê da honrosa propaganda deste livrinho, do qual alguns milhares correm o mundo.

Agosto – 1911 A. Rocha

O SANTUÁRIO DE SÃO FRANCISCO DE CANINDÉ

I – EDIFICAÇÃO

O benemérito e ilustrado cearense Senador Pompeu, de veneranda memória, em sua obra *Ensaio Estatístico da Província do Ceará, tomo II*, remonta a ereção da Capela de São Francisco das Chagas de Canindé ao ano de 1775.

Longe de contestar o que afirma o ilustre geógrafo brasileiro, vamos aduzir algumas notas e memórias em abono da sua afirmativa, embora não tenhamos encontrado no arquivo desta Paróquia fonte de prova segura com relação à data da referida ereção.

Diz-nos a tradição que, no fim do século XVIII, veio para este lugar um homem de nacionalidade portuguesa, chamado Francisco Xavier de Medeiros, e aqui se demorou no intuito de construir uma Capela dedicada a São Francisco das Chagas. Nessa época, o sertão de Canindé era pouco habitado; o lugar que ocupa na atualidade a próspera vila sertaneja era ocupado, então, por poucas casinhas e cerradas caatingas. Medeiros construiu uma casa alpendrada ao pé do sítio em que deveria lançar os alicerces do Santuário, e ainda hoje existem alguns vestígios dessa construção, ao lado

sul da Igreja, que a mão destruidora do tempo e a ignorância dos nossos maiores não souberam conservar.

Podemos também asseverar que os fundamentos primitivos da Vila de Canindé datam dos meados para o fim do século XVIII, sendo certo que antes de Xavier de Medeiros estabelecer-se aqui, já havia alguns moradores, sendo o seu primeiro habitante um caboclo chamado Gonçalo, descendente da tribo dos Canindés. (1) (Na nossa obra História e Chorographia do Município de Canindé, que ora trabalhamos e em breve daremos a lume, se acham completamente desenvolvidas estas memórias e notas, sobretudo as atinentes ao Santuário e culto de São Francisco de Canindé. N. A.)

À margem do rio Canindé e em outros pontos mais centrais havia fazendas de gado de proprietários ricos que aqui se haviam estabelecido, vindo uns de Jaguaribe e outros de Fortaleza e Monte-Mór o novo d'América) hoje cidade de Baturité), - como fossem o Comandante Simão Barbosa Cordeiro, em *São Pedro*; Julião Coelho da Silva, no *Longá*; Antônio dos Santos Lessa, na *Lisboa*, tronco da família Santos Lessa.

Este último, numas memórias que deixou em manuscrito, assevera que sendo suspensos, no ano de 1792, os trabalhos da Capela por causa da grande seca que então solapou o Ceará, só em 1796 foram eles concluídos definitivamente.

Esta é a prova que nos foi possível obter de que o serviço da Igreja de São Francisco vinha de época anterior, e que só no ano de 1796 foi terminado.

O suntuoso Santuário, que nos nossos dias é como uma nona *Lourdes*, aonde os desgraçados vão buscar a saúde perdida nas campanhas da vida, tem sido sempre através de sua idade secular, reparado e modernizado, ligando os seus administradores muito interesse em melhorá-lo; mas não padece dúvida que já nos começos de século XIX era ele um grande templo, embora mal construído e desativado da pompa e elegância que hoje ostenta.

É certo que a sua edificação teve início no ano mencionado pelo Senador Pompeu, mas pela falta de recursos do seu construtor e pelas consequências da grande seca de 1792, não pode ser concluída antes de 1796. Estamos nesse ponto, de pleno acordo com o antigo Santos Lessa.

Os fiéis ligaram sempre o maior interesse ao epílogo dessa obra, concorrendo todos, na altura de suas forças, para que ela chegasse a seu termo; nesse intuito, em 1787, o Capitão Antônio Alves Bezerra fez doação a São Francisco das terras denominadas *Santa Rosa*, hoje *São Paulo*, que fazem parte do atual patrimônio do Santo.

Presentemente, a Igreja de São Francisco está por completo transformada; pelos reparos que se fizeram em 1889 passou a ser um templo majestoso, dentre melhores da Diocese do Ceará, em asseio, decoração e luxuosos ornamentos, tendo sido ainda mais enriquecido e modernizado pelos últimos reparos, feitos em 1903, pelos Frades Capuchinhos. Nesse tempo, abriram-se arcadas na capela-mór, foi pintado modernamente, foi instalada a iluminação a acetileno e fizeram-se luxuosas e deslumbrantes decorações em seu interior especialmente nos altares, que somem sob uma selva dourado, à luz de lâmpadas magníficas; contudo, ainda se veem em todo Santuário vestígios indeléveis de sua antiguidade.

Aí estão às paredes tortuosas dos lados externos dos corredores, nunca até o presente demolidas, além de diversas outras irregularidades no seu conjunto, contrárias aos preceitos arquitetônicos modernos.

Sob a hábil direção dos Frades Capuchinhos, encarregados atualmente da administração dos bens de São Francisco, vão ser feitas novas e grandes reformas no Santuário de Canindé, como seja sua ampliação de forma que corresponda às exigências da grande multidão que o frequenta, - serviço esse que obedecerá as regras da

arquitetura moderna, ficando assim um templo digno da reputação que goza. E dessa forma digno de receber a peregrinação de inúmeros romeiros que de todos os recantos do País a ele vem diariamente, através dos mil incômodos e longínquos sertões.

Por alvará de El-Rei D. João VI, de 30 de Outubro de 1817, a Capela de São Francisco passou à categoria de Matriz Colada. O primeiro Vigário desta freguesia foi o Revendo Padre Francisco de Paulo Barros, que já exercia aqui o cargo de Capelão; Foi apresentado a esse benefício por carta régia de 10 de Junho de 1817, e confirmado pelo Bispo de Pernambuco daquele tempo, Dom Frei Antônio de São José Bastos. Em 1º de Agosto do citado ano.

II – ROMARIAS

Não se pode com segurança determinar a época em que tiveram começo as romarias a São Francisco das Chagas de Canindé.

O que não admite contestação é que já no século XVIII havia fervorosa fé nos favores e graças que se obtinham de Deus pela intercessão do glorioso Padroeiro desta Freguesia; muitos peregrinos, de distantes terras, aqui vinham deixar seus óbolos, em penhor de seus agradecimentos. Isso atesta as tradições transmitidas e conservadas pela atual geração, e uma dessas é a que se refere à milagrosa salvação do pedreiro que, quando trabalhava na Capela, se desprendeu de um andaime.

Corre com bons fundamentos, e ouvimos a nossos antigos, que esse homem ao desprender-se, de vertiginosa altura, implorou, num grito de desespero, o socorro de São Francisco; a queda seria fatal, atendendo à altura em que trabalhava ele sobre uns andaimes.

Mas, prodigiosamente, mal gritou pelo nome do Santo, sentiu-se suspenso pela camisa à ponta de uma tábua, sendo imediatamente salvo e retirado dali pelos outros operários.

Diz-nos ainda a tradição dos nossos avoengos que, quando Francisco Xavier de Medeiros deu início aos primeiros fundamentos da Capela votiva de São Francisco, o terreno escolhido para a sua colocação pertencia a três proprietários residentes na capitania de Pernambuco, cujo terreno fazia parte da velha fazenda Renguengue; estes, por seu procurador, opuseram-se à continuação da obra iniciada, negando-se a vender o terreno ou doá-lo ao Santo, como lhes propus Medeiros, e puseram embargo judicial à obra.

Aconteceu, porém, que um deles logo em seguida caiu gravemente enfermo, do que veio a parecer. Igual sorte teve o segundo, e o último, finalmente, adoecendo também, prometeu fazer doação a São Francisco do terreno em que estava sendo edificada a Capela, caso por sua intervenção chegasse a restabelecer-se. Efetivamente, logo que recobrou a saúde fez doação das referidas terras onde demora na atualidade a Vila, à margem esquerda do rio Canindé.

Este fato corroborado com o incidente do pedreiro já mencionado parece-nos, foi à origem principal das peregrinações a São Francisco de Canindé, ou pelo menos concorreu em dar-lhes maior desenvolvimento.

Remontamos, portanto, o início da devoção a São Francisco a essa época remota e podemos afirmar que as primeiras manifestações extraordinárias da intercessão do Santo, no Santuário datam do tempo da construção do mesmo. Pelo menos esses que acabamos de citar, provam as nossas suposições.

Hoje os fatos extraordinários são tão frequentes que atraem a admiração pública; basta dizer que as esmolas sobem à avultada soma de cinquenta a sessenta contos de réis anualmente.

Adiante consagramos um capítulo deste opúsculo a este assunto.

O eco desses primeiros acontecimentos prodigiosos repercutiu ao longe, e, desde então, uma corrente contínua de romeiros entra constantemente às portas do magnífico templo, que se ergue, majestoso e severo, escarnecendo na sua estrutura basáltica dos séculos efêmeros, e traduzindo, no idioma mudo da sua consistência pétreia, - a estabilidade perpétua da Igreja de Roma...

III – PATRIMÔNIO

O patrimônio de São Francisco das Chagas de Canindé é formado de bens de raiz, das oblatas que lhe oferecem todos os anos os romeiros, de gados e dos objetos da ornamentação do Santuário, cuja administração está a cargo dos Frades Capuchinhos, desde 1898, um ano depois da dissolução da Confraria de São Francisco, que teve lugar, por portaria episcopal, a 3 de Agosto de 1897. Desta data em vante, até a celebração do contrato entre o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Diocesano e o Reverendíssimo Frei João Pedro de Sexto, superior dos Capuchinhos da Missão do Norte, administrou o patrimônio de São Francisco uma Comissão nomeada pelo mesmo Diocesano, composta do Vigário de então Padre Manoel Cordeiro da Cruz, Padre Luiz de Souza Leitão, Capelão de S. Francisco e do Capitão Clementino Finéas Jucá

O orago da freguesia no século XVIII já possuía bens, e esses bens que constituem o seu patrimônio propriamente dito, são: as terras denominadas S. Paulo, antigamente S. Rosa, a três léguas distantes desta Vila, doadas pelo Capitão Antônio Alves Bezerra, em 1789, como consta da escritura original e de uma pública forma transcrita no livro de Tombo; um sítio sobre a Serra de Baturité, denominado S. Sebastião. Comprado pelo valor de trinta contos de réis, entrando e, pagamento o antigo Sítio Araticum (pertencente ao referido patrimônio por doação de Francisco do Rego Barros, em 1801), no valor de sete contos de réis; uma légua de terras denominadas Salgado, legalmente extremadas; onde se acha colocada a vila de Canindé, noventa e uma apólices da dívida pública. Sendo noventa de conto de réis e a restante de quinhentos mil réis; além desses 90:500\$, em apólices, ainda existem algumas dezenas de contos em depósito na casa Albano & Irmão, de Fortaleza, percebendo juros módicos; cinco casas para hospedagem de romeiros; um bem acabado palacete onde se guardam os ex-votos, junto da Matriz; um vastíssimo e bem construído prédio, dividido em três compartimentos, sendo um, destes destinado à residência dos Frades capuchinhos, outro ao Colégio pelos mesmos dirigido e administrado, e o último às oficinas de artes e ofícios, e, finalmente, casas de pouco valor, cercados e outras propriedades de menor importância.

Além disso, tem São Francisco auxiliado, decretando verbas, a reparos de açudes, do Seminário Episcopal, de Fortaleza; e os dois cemitérios existentes nesta vila, e a grande e espaçosa Igreja de N. S. das Dores foram construídos a expensas do mesmo Orago.

O Colégio de São Francisco é mantido à custa do Santo; dá guarida e sustento tanto espiritual como material a cem órfãos desamparados, além de muitos pensionistas internos e externos que aí recebem regular educação civil e religiosa.

Este estabelecimento dia a dia amplia o círculo de suas atribuições educativas, graças ao zelo e ao amor apostólico do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Dom Joaquim José Vieira e dos Frades Capuchinhos, que vão introduzindo novos métodos e novos ramos de educação prática.

Reunido ao Convento de São Francisco e às oficinas de artes e ofícios, forma um vastíssimo quadrado, com duas frentes principais, medindo a que olha para o Norte

cento e trinta e a que dá para o Nascente noventa metros, e é um dos maiores prédios do Ceará. Possui ainda esse grande edifício vastos salões e janelas internas e externas, um compartimento para teatro e diversões dos alunos, vastas e arejadas salas para enfermarias, tudo isso harmonizado perfeitamente com os preceitos higiênicos. Não há luxos ou decorações custosas; em compensação, porém, é simples, confortável e, sobretudo, asseado

Situado numa pequena eminência, ao sul da Igreja, oferece uma formosa perspectiva, descortinando horizontes rasgados e livres.

Possui, além do que descrevemos uma ótima cisterna com capacidade para 232.000 litros de água, um aparelho de gás acetileno que serve a todo o estabelecimento, rica biblioteca, cacimbas com ótimos cata-ventos americanos, etc., etc.

No seu conjunto, vê-se o atestado vivo dos esforços, zelo e bom gosto do atual administrador de São Francisco, Reverendíssimo Frei Mathias de Ponteranica, que não tem poupado a sua atividade, agindo sempre no sentido de dar completo desempenho a sua árdua missão, com o ardor católico que espalha sobre o Planeta esses homens abnegados e viris, mensageiros da palavra de Deus às raças humanas, afrontando os climas ardentes dos países da América e à barbárie da solitária África, num apostolado sublime de Perdão, Amor e Caridade.

IV – ADMINISTRAÇÃO

Não nos foi possível encontrar dados que pudessem provar quais foram os rendimentos de São Francisco, assim como a relação nominal de seus administradores, no século XVIII. Se já havia algum movimento, nesse tempo, era certamente de pouca monta.

Em 1804 foi administrador do patrimônio o Padre João José Vieira, que fez a descrição dos bens patrimoniais em um inventário, e prestou contas perante o Ouvidor Geral, Procurador de Capelas, Luiz Manoel de Moura Cabral, em Fortaleza, então vila da Capitania. Orçou em 998\$595 o saldo apresentado no ano financeiro de 1802 e 1803.

Em 1812 faleceu o Padre Vieira, administrador do patrimônio até esta data, deixando um alcance no valor de 776\$050, pelo que foram sequestrados os seus bens, salvaguardando-se assim os direitos de São Francisco. No ano anterior, 1811, em um provimento do Ouvidor Geral, fora o Padre Vieira intimado para não continuar a despender, como era de costume, a importância de 4\$320 com os visitantes da Comarca, sob pretexto de visitas à Capela. Essa intimação foi feita sob pena de não lhe ser levada em conta a importância por ventura despendida.

O Padre Vieira deixou como seu testamenteiro o Comandante Simão Barboza Cordeiro o antigo, que, em 7 de Outubro de 1812, entregou o que pertencia a São Francisco a José Mendes da Cruz Guimarães.

Mendes tomou conta de tudo em face do inventário, que assinou com o referido Simão Barboza, inclusive o alcance do Padre Vieira, pelo qual se responsabilizaram os seus herdeiros.

Esse administrador chegou ao ano de 1818, sendo substituído, no ano seguinte, por Joaquim Marques Vianna.

Pela escrita irregular desse tempo não nos é permitido saber se no período de 1819 a 1827 houve outros administradores, além do referido Vianna.

No ano de 1811 o Reverendo Padre Francisco de Paula Barros foi nomeado capelão da Igreja de São Francisco, da qual, mais tarde elevada a Matriz, foi o primeiro Vigário.

Desde o princípio da administração paroquial do Padre Barros, o livro de receitas e despesas passou para nele se inscreverem os nomes dos foreiros do Patrimônio, sendo designado um outro para aquele fim, que entretanto não existe no cartório da Paróquia.

Parece-nos que esse sacerdote tomou conta nos negócios de São Francisco das Chagas, até ser substituído pelo Major Manoel Barboza Cordeiro, que ficou alcançado para com o Padroeiro. (Manoel Barbosa Cordeiro era um homem probo. Esse alcance teve origem dum roubo de ouro do Santo, sob a sua guarda, feito por uma sua escrava. Mais tarde, porém, entrou ele para o cofre com a importância do desfalque).

Não podemos saber ao certo, em vista da irregularidade da escrita desse tempo, se o mencionado administrador chegou ao ano de 1854, na gestão dos negócios de São Francisco.

Não resta dúvida, porém, que foi sucedido por Manoel Luiz de Magalhães, o qual, em 1855 abriu um livro para a receita e despesas; em 1859 prestou esse administrador as suas contas perante o Juiz das Capelas, sendo condenado igualmente ao alcance de 3:832\$600. (Manoel Luiz era honradíssimo; esse alcance já vinha do seu antecessor, - a que nos referimos acima, - tanto que, em 1861, apresentou um saldo de 2;328\$059, o que justifica ter ele recebido do referido Manoel Barboza, seu predecessor, a importância em que este tinha sido alcançado, em virtude do roubo o que já nos referimos.)

A administração desse Procurador prolongou-se até o ano de 1868, apresentando sempre saldos a favor do cofre, e com muito escrupulo e zelo administrou os bens de São Francisco durante alguns anos; quando foi substituído, no mencionado ano de 1868 por Jeronymo José de Almeida Júnior, fez a este entrega de um saldo de 15:712\$205. O Juiz de capelas de então, apesar de ter regularizado mais ou menos a escrituração, não foi bem inspirado demitindo Manoel Luiz, cuja honradez e probidade nunca desmentidas eram uma garantia para o bom desempenho do cargo.

Consta-nos que um despeito mal entendido do Juiz de então foi o móvel da demissão desse administrador, que foi igualmente glosado em um conto de réis, importância despendida por sua ordem com o oficial encarregado de fazer os altares laterais do Santuário. O honrado administrador entrou com esta importância que nunca mais lhe foi possível reaver. A perseguição não dormia, e tendo Manoel Luiz, na sua administração feita encomenda de um relógio para o Santuário, o mesmo Juiz não sancionou essa despesa! Ato contínuo, o honesto homem com o seu cunhado Major José Barboza Cordeiro pagou a importância do relógio, e ofereceram-no a São Francisco (É o atual relógio da Matriz, um dos melhores do Ceará).

Como dissemos, foi mal inspirado o Juiz de Capelas fazendo essa demissão, para nomear ao referido Jeronymo de Almeida, o qual, prestando contas do ano seguinte, apresentou um saldo de 19:608\$819, mas deixou de fazê-lo em 1871; a isso foi obrigado no ano seguinte, pela primeira mesa regedora que nesta vila foi eleita, encontrando-se um desfalque de 4:000\$000. (Jeronymo de Almeida, tempos depois, satisfez ao tesoureiro de então esse desfalque, embora com algum prejuízo para a Capela)

Após a demissão de Jeronymo de Almeida pela mesa regedora, foi ainda nomeado o Capitão Manoel Luiz de Magalhães procurador da confraria e juntamente foi confiada a tesouraria da Capela ao Capitão Antônio Francisco de Magalhães.

Em 1872 houve um saldo de 12:788\$604. O Capitão Magalhães dirigiu com a maior honestidade os dinheiros de São Francisco; durante a sua gestão apresentou sempre saldo, e em 1887, quando deixou o cargo, entregou a importância de 18:647\$824, inclusive a quantia de trezentos e tantos mil réis que lhe foram glosados pelo Juiz de Direito, em correção. Mais tarde, porém, o Capitão Magalhães fez uma

reclamação a esse respeito, e a autoridade diocesana mandou restituir-lhe aquela importância.

Em 1887, pelo Juiz de Direito da Comarca, foi provisoriamente nomeado tesoureiro José Jacintho Mendes Machado, que entregou depois esse cargo ao Tenente Coronel João Pinto Damaceno, o qual, por sua vez passou-o ao tesoureiro nomeado Coronel Antônio Martins Júnior.

Por esse tempo foi nomeado Procurador o Capitão Clementino Finéas Jucá, de saudosa memória, incumbido de administrar os serviços dos reparos feitos na Matriz, nos quais se despenderam cerca de 40;000\$000.

Os sucessivos Procuradores prestaram contas, havendo sempre saldos a favor do cofre.

De 1891 em diante as contas passaram a ser prestadas à autoridade Diocesana, pela mesa regedora, até a data em que o Reverendíssimo Bispo da Diocese dissolveu a Confraria, cuja administração passou às mãos dos Frades Capuchinhos, por S. Excelência Reverendíssima convidados e contratados a regerem os bens de São Francisco.

Desde que passou a administração do patrimônio de São Francisco às mãos dos Missionários Capuchinhos, estes se tem sucedido na seguinte ordem: iniciou essa administração Frei David de Desenzano, que entrou no exercício desse cargo no dia 21 de Junho de 1898, passando-a ao seu sucessor, Frei João Pedro de Sexto em 19 de Julho de 1901, o qual administrou até 31 de Março de 1902. Desde essa data até hoje tem sido administrador do patrimônio o Reverendíssimo Frei Mathias de Ponteranica, superior da Casa de São Francisco, e juntamente vigário da Freguesia.

Abaixo damos um quadro demonstrativo da receita e despesas de toda a administração dos Missionários Capuchinhos, no período que medeia de Julho de 1898 até 1910.

ANO	RECEITA	DESPESA	SALDO	DEFICIT
1898	12:268\$240	17:474\$160		5:205\$220
1899	91:052\$935	50:900\$450	40:152\$489	
1900	51:483\$981	113:652\$270		62:168\$289
1901	52:290\$508	37:257\$074	15:039\$434	
1902	61:497\$000	28:423\$180	33:073\$820	
1903	53:110\$900	47:212\$100	5:898\$000	
1904	59:282\$200	55:738\$400	3:548\$800	
1905	66:493\$900	51:300\$900	15:193\$000	
1906	98:029\$100	82:971\$800	35:057\$300	
1907	100:445\$300	100:848\$300		403\$000
1908	71:036\$800	70:362\$500	674\$300	
1909	93:641\$700	84:628\$600	9:013\$100	
1910	194:900\$800	190:219\$700	4:681\$100	
	903:531\$464	930:989\$434	162:326\$343	67:776\$509

Descontando o déficit dos anos de 1898 e 1910, que sobe à cifra de 67:776\$509 como se vê do esquema acima, resta uma saldo líquido de 80:578\$325 que se acha empregado, parte em apólices da dívida pública, parte posta a juros na acreditada casa Albano, de Fortaleza, a parte posta em reserva, destinada ao custeio da Casa, Colégio e Santuário de São Francisco.

Na importância dos 930:989\$434 das despesas feitas no período de 1898 a 1910, acham-se incluídas além das ordinárias feitas com o Santuário, Casa e Colégio

referidos, as seguintes: - Compra do sítio São Sebastião sobre a serra de Baturité, pela quantia de 23:000\$000; reforma completa do atual Convento de São Francisco; construção de uma cisterna com capacidade para 232.000 litros de água; 3 cata-ventos americanos, com a respectiva caixa de depósito e cinco bombas; instrumental para duas bandas de música, sendo uma de São Francisco e outra do Colégio; 3 harmoniuns, 2 aparelhos de acetileno destinados ao Santuário e ao Colégio; ornamentos para aquele; diversos maquinismos, como moinhos, máquinas diversas, aparelhos de gabinete de física; compra de terrenos e casas; construção de cercados na Fazenda São Paulo, pertencente ao patrimônio; reforma da casa dos ex-votos; embelezamento do Santuário, com a abertura de 6 arcadas; a pintura a óleo do mesmo; e finalmente a edificação do Colégio São Francisco, educação e sustento material de 400 órfãos (É necessário notar que este número de órfãos é a totalidade dos que tem recebido educação no Colégio de São Francisco, desde a sua fundação. Atualmente existem cento e cinquenta alunos internos nesse estabelecimento, cujo nome vai se estendendo dia a dia no conceito público), construção de oficinas apenas ao mesmo Colégio, trabalhos que, não obstante a grande ordem e economia que os presidiram, subiram a mais de 70:000\$000; aquisição e montagem de oficinas tipográficas, onde é publicado o Correio de Canindé, e trabalhos de um asilo em que é recolhido número de órfãs desvalidas, dirigido por competentes senhoras.

De 1906, época em que apareceu a primeira edição deste trabalho, até o presente, tem os Frades feito muitos outros serviços, como sejam ampliações da Casa de São Francisco para o estabelecimento de oficinas e instalação de ótimas oficinas tipográficas, tornando-se a casa consideravelmente maior, chamando a atenção de todos os visitantes pela boa ordem que reina na sua administração, unindo, dessa maneira, a consideração do sentimento piedoso à consideração da obra de utilidade prática. Uma visita à Casa de São Francisco tornou-se, assim, motivo para uma peregrinação – o que maior intensidade dá às peregrinações.

A reforma do santuário de São Francisco, iniciada em 1910, dirigida por um profissional competentíssimo, torná-lo-á o primeiro templo do Ceará e o único que obedece rigorosamente a um estilo. É vazado em moldes góticos

Nessa obra tem sido gasta uma considerável soma. Esses trabalhos feitos, muito concorrem para a satisfação dos peregrinos, que veem em fatos o resultado de suas esmolas ao Santuário de Canindé.

Esta última administração tem sido escrupulosa e bem orientada, dando ampla esfera aos dinheiros do Santuário e zelando os interesses do orago, como se verifica a saciedade do exposto acima.

Como se vê no esquema atrás publicado, todos os dias maior número de romeiros afluem ao Santuário, maior rendimento dá o cofre, chegando a apresentar, nos dez dias da festa do ano passado, a quantia de 36:000\$000.

É incontestável que a boa aplicação dada ultimamente aos dinheiros do cofre, a ampliação da Casa de São Francisco, a construção de diversas repartições de oficinas, muito hão concorrido para incrementar as peregrinações a Canindé, vendo cada peregrino o seu óbolo concretizado em trabalhos de verdadeira utilidade.

Foi, podemos afirmar providencial a administração dos Missionários Capuchinhos que podemos, igualmente, com inteira justiça, considerar o período de ouro da igreja de São Francisco de Canindé.

V. GRAÇAS E FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Como tivemos ocasião de dizer em um dos capítulos precedentes, o restabelecimento de um dos três proprietários da terra em que foi construída a Igreja de São Francisco das Chagas e a salvação maravilhosa do pedreiro Antônio Maciel, quando trabalhava na mesma, foi, sem dúvida, a *pedra de toque* donde nasceram à fé e a confiança do povo na valiosa intercessão do celebrado Patriarca de Assis.

Daí partiu a corrente religiosa, ungida da mais intensa fé, que dia a dia foi aumentando, engrossando a progredindo através dos tempos, até aos nossos dias.

Os casos excepcionais, portentosos e fidedignos operados pela intervenção de São Francisco das Chagas de Canindé já chegaram ao domínio tradicional como verdades inconcussas. Não só em todo o Ceará como em outros Estados, pelo menos os mais vizinhos, como Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba, a veneração a São Francisco é conhecida, e a frequência de romeiros vindos de longínquos recantos, é célebre em quase todo o Brasil. A magnificência, a suntuosidade e as riquezas do Santuário são celebradas por todos, e a imaginação popular criou em torno desse templo longínquo algo de extraordinário, tornando o como que a Lourdes brasileira onde os infelizes, abrasados pelo fogo santíssimo duma fé simples e sincera vem recobrar a saúde alterada nas duras campanhas da existência.

Os casos que nos tem sido revelados, por centenas de pessoas, são de tal significação, que nos deixam perplexo; e, sem entrarmos em discussões a respeito da autenticidade deles, combinamos que alguns sejam exagerados pela imaginação fácil do povo, sempre apto para a fábula e para o maravilhoso, e outros engendrados pelos principais fanáticos da ignorância. O que não padece, porém, dúvida alguma, o que é positivo e claro, é que milhares de criaturas doentes, desenganadas, cheias de ardente fé e ilimitada confiança no poder sobrenatural, tem recobrado a saúde, recorrendo à proteção de São Francisco de Canindé. Não tem conta as admiráveis curas operadas pela intercessão do glorioso Padroeiro em enfermidades de toda a sorte, defeitos horrendos, deformidades horríveis, verdadeiras aberrações da natureza, perante a cura das quais a própria Ciência sente-se atônita e vacilante

A que poder se podem atribuir esses casos portentosos? De que fonte jorra esse manancial de luz e de benefícios? Donde parte essa força extraordinária, imensa, que fascina os espíritos? Cabe aos homens de ciência, aos filósofos racionalistas, a essa grossa massa de sábios que pretende suplantar os efeitos da Divindade pelas teorias absurdas das suas densas filosofias, - dar uma solução plausível a estes fatos, que em toda a nudez da verdade vimos reproduzirem-se à plena luz meridiana.

Quanto a nós, cingimo-nos ao papel de cronista, e como tal escrevemos este resumo da história do Santuário de São Francisco de Canindé, procurando, com toda a imparcialidade e critério, trazer à luz da publicidade a verdade, somente a verdade.

Na casa dos ex-votos, que existe nesta vila, contam-se atualmente cerca de quinze mil ex-votos em barro, cera, gesso e madeira.

Veem-se aí, numa profusão enorme, numa promiscuidade assombrosa, fotografias, quadros, formas e símbolos de troncos mutilados, ventres abertos, crânios cobertos de chagas horríveis, pernas e braços decepados, chagas desformes, úlceras gangrenosas, tumores e abcessos horripilantes, peitos dilacerados, vísceras sangrentas a escapar por golpes profundos, olhos desorbitados, membros avulsos, beiços partidos, línguas tumefactas e negras, ossos fraturados, enfim, uma coleção monstruosa, um agrupamento complexo de casos estupefacientes indizíveis, fenomenais, espécie de museu horripilante, tenebroso, inexplicável, que impressiona e comove, onde podem ser estudadas as mil enfermidades que minam o organismo humano! Esses símbolos ou ex-

votos são carbonizados de ano em ano, em grande quantidade, para dar lugar a outros, que vão chegando todos os dias; sem essa medida o vasto edifício a eles destinado não os comportara.

Passamos agora a descrever, sucinta e imparcialmente, alguns dentre a infinidade dos casos extraordinários, geralmente aceitos como favores ou graças obtidas de Deus por intercessão de São Francisco das Chagas, de Canindé, não obstante nenhuma deles ter sido averiguado pela autoridade eclesiástica. Limitamo-nos, portanto, a referi-los conforme os ouvimos a pessoas que asseveram ter recebido os respectivos benefícios; outros extraímos de “A Capela Milagrosa, do pranteado poeta cearense Álvaro Martins; e, finalmente, ainda outros que nos forneceu a tradição. Quanto aos penúltimos, é necessário dizermos que nada alteramos, limitando-nos a transcrevê-los simplesmente.

- Uma família cearense, residente no interior do Amazonas, relata o seguinte caso extraordinário; tendo se perdido uma criança da casa um dia, em uma das umbrosas florestas daquelas regiões, a aflição e o desespero invadiram o coração dos seus pais; estes lançaram mão de todos os meios a seu alcance a fim de descobrir o paradeiro da criança, e, batidas as matas vizinhas durante três dias consecutivos, resignaram-se, aniquilados, a chorar a morte da querida criaturinha, de certo devorada por alguma fera. A desolada mãe, logo que se lhe antolhou o espectro da terribilíssima desgraça, cheia de ardente fé fez a promessa a São Francisco das Chagas, de se reouvesse a filha perdida, vir com ela a Canindé, e oferecer uma esmola ao Santo.
- Com indizível pasmo de todos, surge como por encanto no pátio da barraca a criança perdida, ao terceiro dia depois do desaparecimento. Na alegria intensa em que vibrava toda a família, interrogam-na sobre o seu súbito aparecimento, e a criança responde-lhes que fora um padre que a trouxera até as imediações da casa. A família, logo após, pôs-se em viagem para Canindé, a fim de cumprir o voto feito, certa da intercessão miraculosa de São Francisco. Ao entrar às portas da Igreja, a inocente criança, num grito de ingênua e reconhecida gratidão, indicou a sua mãe, apontando a imagem de São Francisco das Chagas: - *Mamãe! Foi aquele o padre que me trouxe!...*
- Narrou-nos pessoa de inteira fé, uma moça distintíssima, que, no termo de Guarimiranga, sobre a serra de Baturité, havia uma pobre mulher, que estando em completa cegueira, e tendo esgotado os recursos da ciência médica, fez uma promessa a São Francisco das Chagas, pedindo-lhe a restituição da vista perdida. Imediatamente foi-lhe voltando à luz dos olhos, e hoje vive completamente restabelecida, gozando a inenarrável felicidade de ver.
- Distinta senhora, residente em Fortaleza, esposa de um negociante de muito conceito, relatou-nos o seguinte fato: Sofrendo de um panarício numa das mãos, este assumiu um caráter gangrenoso, o que abrigou o médico assistente a aconselhar a amputação do dedo – único recurso a lançar mão naquele caso extremo. Convidados em seguida, três facultativos eminentes para a operação, todos foram acordes com a opinião do médico aludido, ficando marcada a amputação para o dia seguinte. A senhora paciente cheia de fervorosa confiança, fez uma súplica a São Francisco de Canindé, prometendo-lhe que, se não fosse preciso amputar o dedo na manhã seguinte, viria pessoalmente a Canindé em

romaria, oferecendo-lhe uma esmola. No dia designado para a operação, chegados os médicos à residência da distinta senhora, esta se recusou a fazer a amputação, mostrando-lhes que o mal diminuía visivelmente. Acha-se atualmente boa, tendo apenas uma pequena cicatriz que em nada deforma o dedo.

- A esposa de Francisco Marques, residente no sítio Cajazeiras, neste município, estando doente dum cancro que já lhe havia tomado metade do rosto, fez uma promessa a São Francisco, pedindo-lhe um alívio daquela terrível enfermidade. Um dia, pela manhã, disse ela ao marido, inspirado por inopinada resolução: - “Vou ficar boa; sonhei que São Francisco mandara hoje aqui o Sabino ensonar-me um remédio, que me porá boa”. Nessa ocasião, anunciou-se uma pessoa que chegava; efetivamente era Sabino, criado do Coronel Manoel dos Santos Lessa, que vinha da parte da senhora deste, conduzindo um remédio que a senhora do Coronel Santos enviava à enferma. É este um fato recente, testemunhado pelo Coronel Manoel dos Santos, que nos forneceu esta informação.
- Contou-nos um cavalheiro de todo o crédito, aqui residente, que andando nos campos a cavalo, aconteceu entrar-lhe no canto de um olho uma ponta de pau seco. Atormentado de dores horríveis chegou a esta vila, onde diversas pessoas tentaram extrair a referida ponta, com o auxílio de uma torquez, o que não conseguiram. O pobre homem seguiu para Baturité, em procura de um médico. Fazendo, porém, uma promessa a São Francisco, viu-se, ainda em caminho, livre da ponta de pau, sem saber como, não sendo preciso submeter-se a operação.
- Ouvimos ao Reverendíssimo Padre Laurindo, vigário desta freguesia, o seguinte fato: Tendo um sertanejo disparado uma espingarda, na noite de São João, como se costuma fazer no Ceará, esta se lascou com a detonação, enterrando-se-lhe a culatra num dos olhos. Socorrendo-se de São Francisco das Chagas de Canindé, pode extraí-la com pasmosa facilidade. Essa criatura veio perfeitamente boa, deixar o ferro na Igreja.
- Apareceu nesta vila, o ano passado, em romaria a São Francisco, um homem chamado Firmino Bispo Bizerra, residente no município de Lavras, deste Estado, que narrou a diversas pessoas daqui, o seguinte fato: Tendo-lhe nascido um filho inteiramente cego, consternado, fez uma promessa ao Padroeiro de Canindé, prometendo vir trazer-lhe uma esmola em dinheiro e animais, se alcançasse a graça de ver o filho bom daquele terrível defeito. Milagrosamente alcançou esta graça, e veio efetivamente cumprir a promessa. Todos os habitantes de Canindé viram a criança, e ouviram ao pai da mesma a narração desse caso.
- Em Santa Quitéria. Um homem limpando uma espingarda soprou no cano da mesma; casualmente esta disparou na ocasião, rasgando-lhe os lábios. O pobre e imprevidente sertanejo fez uma promessa a São Francisco, e ao cabo de algum tempo se achou perfeitamente bom. Cumpriu a promessa feita, trazendo um símbolo do seu rosto após o tiro, numa dilaceração horrível.
- Em dias do ano findo, estive em romaria a São Francisco, nesta vila, um seringueiro do Alto Amazonas, que, tendo sido aprisionado, com um companheiro, pelos índios daquelas paragens, foi amarrado juntamente com este, o qual foi comido pelos antropófagos, reservando-se-lhe a mesma sorte no dia

seguinte. Diante de tão desumana sentença, atordoado de terror, desesperado de qualquer socorro naqueles ermos fantásticos, lembrou-se ele de São Francisco das Chagas de Canindé, e fervorosamente, da sua prisão fatal, balbuciou uma prece ao milagroso Santo, prometendo-lhe, se escapasse da morte, vir a Canindé e oferecer a São Francisco metade do saldo que possuía. Sem saber explicar como, viu-se naquela noite livre, sem veres selvagens que lhe evitassem a fuga. Atravessando uma mata, em poucos momentos se encontrou numa barraca daquelas regiões, são e salvo, e aqui veio cumprir o voto feito.

- “O Dr. F., médico, residente na Capital deste Estado, homem de sentimentos nobres, porém alheio, como a maior parte dos da sua profissão a prática da fé e religião, tendo-lhe aparecido uma úlcera na mão direita, a qual tomou um caráter grave e assustador, foi ter a casa de um amigo, e disse-lhe estar perdida vista ter a forma gangrenosa e ser preciso cortar a mão. Esse amigo, homem muito religioso, aconselhou-o que recorresse a São Francisco das Chagas de Canindé, e acrescentou: - Para que a sua promessa seja verdadeira, é preciso que você se humilhe, pois a humildade é a porta da bem-aventurança. O médico voltou para casa muito preocupado, anote não pode dormir, e no dia seguinte, sentindo-se tocado da graça divina, fez promessa a São Francisco de sair à rua pedindo esmolas para uma missa, com a Imagem na cabeça. Se ficasse curado da ferida. Logo no dia seguinte sentia-se melhor; a mão começou a desinchar e de negra que estava, foi voltando à cor primitiva, e no fim de duas semanas achava-se completamente curado. Cumpriu a promessa feita, conforme testemunhou a própria pessoa, que nos revelou este fato.
- Em um lugarejo, que existe nas proximidades de Trairí, viviam antigamente José e Maria, dois lavradores pobres. Esse casal tinha uma única filhinha de dois anos que era sua fortuna, o seu encanto, sucedeu que um dia tendo José ido para o roçado – a mulher, deixando a filha a dormir na choupana – foi bater roupa no alagadiço próximo. Maria ouviu uns gritinhos, que vinham da casa. E, com aquele instinto natural das mães, deixando a roupa no corador, correu a casa com o coração cheio de tristes pressentimentos... Ao chegar ali um quadro horrível deparou-se-lhe aos olhos: a criança fora acometida por um porco que, penetrando na camarinha, começava a devorá-la. A desgraçada mãe, louca de dor e de angústia, arrancou mais rápida do que um raio, a inditosa criatura das garras do medonho animal, e erguendo-a em seus braços, gritou três vezes: Valha-me o sagrado nome de São Francisco das Chagas! Os gritos da pobre mulher foram tão altos que o marido ouviu-os no roçado, que ficava a uma grande distância. A criança, porém, para satisfação de seus pais, apesar da fera ter-lhe devorado os pés e ferido o ventre, escapou e viveu por longos anos.
- Na casa dos ex-votos, em Canindé, existe um símbolo, em madeira, de uma moça que – em tempos idos- atravessando um caminho deserto de uma fazenda para outra próxima foi surpreendida por uma onça bravia, que a perseguindo, conseguiu alcançá-la, abrindo-lhe o ventre. A desgraçada, no transe doloroso, lembrou-se de São Francisco, e pediu com fervor que não a deixasse morrer no abandono e sem confissão. O milagroso santo ouviu a sua prece, pois logo foi encontrada pelos parentes, e sendo chamado a toda pressa um sacerdote, administrou-lhe os últimos sacramentos.

- F.F., pescador, sendo surpreendido em alto mar por uma grande tempestade, foi lançado às ondas pelo vento. Noite profunda, escura, terrível! Ondas maiores que montanhas! O desgraçado valeu-se de São Francisco de Canindé, e conseguiu ser impelido por um vagalhão até a costa. Vendo-se salvo foi visitar a milagrosa capela e agradecer a graça obtida.
- N., lavrador, descia a serra da Uruburetama, pelo lado da Santa Cruz, quando foi fisgado por uma cobra de veado, de tamanho descomunal. O infeliz, preso pelas nádegas, lutou com a terrível serpente, durante longas e angustiadas horas. Pode-se imaginar o horror que sente o indivíduo agarrado por uma serpente asquerosa que procura envolvê-lo nas suas roscas moles e escamosas e devorá-lo?! O desgraçado, ora recuando, ora arrastado pelo terrível ofídio, cuja cauda prendia-se ao tronco de uma árvore, sentiu-se, afinal, desalentado, e coberto de suores frios imaginava-se já triturado e descendo pela garganta do monstruoso animal. Súbito, lampejou-lhe uma ideia no cérebro. Lembrou-se de São Francisco, e fez promessa. Tal foi a sua fé que se sentindo reanimado, fez um esforço sobre humano e conseguiu livrar-se da fúria do nojento animal, deixando-lhe entre as garras pedaços da própria carne.
- Os antigos contam com insistência o seguinte fato, que é talvez um dos mais curiosos e extraordinários. Referem que uma moça dos sertões de Pernambuco, filha de um fazendeiro rico, adoeceu dos olhos, e cegou. Este fato causou naturalmente profundo desgosto no seio da família. A donzela, porém, melhora avisada, resignada, dizia ao pai que tinha fé em São Francisco, e que recuperaria a sua vista. Com efeito, um dia em que estava prostrada no seu oratório, ouviu uma voz dentro do coração que dizia; *Vai à Capela de São Francisco, dá-lhe o teu ouro, dá-lhe a tua devoção, e merecerás a sua graça...* A moça relatou logo o caso ao pai, que a aconselhou a empreender uma viagem ao Canindé. – São Francisco me dará os meus olhos – dizia ela, cheia de viva fé. No dia seguinte, guiada por um parente, tomou a pé, e sem mantimentos, porque conforme a promessa feita pedia esmolas, a beira do caminho – o rumo da milagrosa Capela. Foi-lhe um martírio a travessia sobre as areias ardentes, os áridos sertões desertos. Fome, sede, febre, insolação, fundados receios e dolorosas apreensões nada deteve o passo à animosa moça que, à proporção que se aproximava do lugar desejado, melhor sentia-se penetrada de uma luz benéfica, de uma graça inefável. Ao fim de alguns dias de viagem, divisou o vulto do seu guia, depois as árvores, as pedras, os matos. Finalmente, ao entrar pela primeira vez na Capela, tal foi a sua fé que imediatamente recuperou totalmente a vista. Alguns dias demorou-se em Canindé, em penitência e orações, e regressando aos seus lares, mandou, conforme havia prometido todo o seu ouro para o santo. Passados tempos, alguém a interrogou sobre o maravilhoso caso, indagando se era verdadeiro. Ela afirmou que sim, - acrescentando “... recuperei a vista, mas o meu ouro ficou lá...” Afirma-se que esta moça, à noite, ao deitar-se, encontrou dentro da rede todo o ouro, que havia dado ao Santo.
- Os antigos referem também o caso de uma jovem que num momento de desvario, insultara a própria mãe, pelo que ficou com o braço morto, a língua preta e a boca horripelantemente torcida. Arrepentida, e cheia de imensa devoção, fez promessa a São Francisco, e ficou curada. Desde então se tornou a melhor e mais exemplar das filhas.

- L. L., acusado de um crime nefando, tendo saído livre no Júri, embarcou para o Amazonas. Ali se meteu nos seringais, onde tratou de fazer fortuna. Um dia caçando nas matas, transviou-se, e não acertou mais com a estrada do barracão. Ele próprio nos referiu que passou 3 meses perdido nas florestas do Amazonas. Pode-se imaginar os sofrimentos, pelos quais passou esse homem. Nu, faminto, crivado pelos espinhos, mordido pelos insetos, dormindo à noite sobre a lama pútrida dos igarapés, sem ouvir uma voz humana, assombrado diante da solidão imensa da natureza virgem – cujos rumores sombrios e indistintos tem todas as vozes, todos os gemidos da melancolia humana; - emagreceu, envelheceu, embranqueceram-se-lhe os cabelos, tornou-se por assim dizer um fantasma de si mesmo. Muitas vezes tentou suicidar-se, e desejou ser mordido de uma serpente venenosa para livrar-se da vida... Porém as serpentes, como os animais bravios, fugiam à sua passagem, como que aterrorizados. As noites ali eram profundas e tenebrosas; o vento gemia ns árvores gigantescas, em sussurrações tristonhas e plangitivas... Um dia, o desgraçado disposto a morrer e certo que o seu martírio era a punição do crime cometido, subiu a uma árvore e amarrou um cipó ao pescoço, de repente, teve uma ideia. Ah! – disse consigo mesmo - na minha terra existe um santo, que alcança muitas graças de Deus; é São Francisco das Chagas do Canindé. Ele me valerá. E saltando em terra, ajoelhou-se, e cheio da maior contrição, fez promessa de tornar-se um homem de bem, um defensor de todas as causas justas, e de todos os fracos e oprimidos. Ergueu-se; circunvagou o olhar em torno. Súbito, sobre a terra, viu pegadas recentes. Era um rastro humano... Uma alegria imensa, que não se pode narrar que não se pode exprimir, e que uma só vez na vida pode-se sentir, encheu-lhe o peito. Tomou o rumo da pegada, e em breve deu num barracão de cearenses, que o acolheram fraternalmente. Ali se demorou alguns dias, e depois revendo e indagando os lugares, por onde andara perdido, viu que se afastara muitas léguas do seu barracão. L.L. ainda vive, e ao que parece, tem cumprido o seu voto.
- Os romeiros referem o caso de uma moça de Pernambuco, que tendo convidado algumas companheiras para tomar garapa num engenho, aproximou-se, por acaso, das rodas do mesmo, sendo apanhada pelos cabelos. Ia ser esmagada entre as rodas do engenho, quando gritou por São Francisco das Chagas de Canindé. Subitamente os animais que o moviam pararam como que obedecendo a um impulso superior, e a moça foi retirada, salva e sã, dentre as rodas fatais.
- Há entre os votos um, - que representa um vaqueiro, amparando os intestinos com as mãos. Referiu-o que correndo no mato, atrás de um novilho bravo, este, voltando-se rapidamente, deu-lhe uma terrível pontada com os chifres, rasgando-lhe o ventre. O desgraçado, sozinho, em lugar ermo, pungido pelas mais cruciantes dores, amarrou os intestinos, que começaram a cair, com a fralda da camisa, e fez votos a São Francisco, para que lhe conservasse a vida. Apesar do seu estado lastimável conseguiu voltar a casa, e em poucos dias achou-se completamente curado.
- Uma moça de Mossoró referiu ao Padre Leitão, que se achando paralítica, fez promessas a São Francisco de Canindé, de, se ficasse boa, empreender uma viagem a sua santa morada. No dia seguinte sentiu-se melhorada e algum tempo

depois completamente curada; pelo que empreendeu viagem ao Canindé, cumprindo, desta forma, o voto que fizera.

- Na casa dos ex-votos existe uma figura representando um doido com os pés presos a um tronco. A mulher refere que, achando-se o marido louco, furioso, foi preciso amarrá-lo a um tronco. Há esse tempo fez uma promessa a São Francisco, e em breve o marido recuperou totalmente a razão, voltando de novo à vida e ao trabalho.
- É bem conhecido, no Canindé, o fato de um indivíduo que recebendo diversos ferimentos, e um profundo golpe no pescoço, foi abandonado pelos malfeitores, no lugar Meirelles, próximo a Fortaleza. Ali passou ele onze dias sem comer nem beber; foi encontrado desformemente inchado, já quase devorado em vida pelos tapurús. O fato produziu então grande sensação nesta Capital. O doente, recolhido ao hospital da Misericórdia, foi medicado pelo Dr. E. Salgado. Refere o desgraçado, que no transe doloroso, valeu-se de São Francisco do Canindé, a ele implorou amor e piedade, e assim conseguiu salvar-se.
- No Acarape é geralmente conhecido o caso de um rapazinho aleijado que, morando naquele lugar, pedia esmolas arrastando-se nas ruas, pelo que tinha os joelhos e as mãos constantemente feridos. Referem que um dia fez uma promessa a São Francisco das Chagas, e logo empreendeu viagem ao Canindé. Arrastando-se, mas cheio de fé e resignação, fez uma travessia de muitas léguas embora deixando sobre as pedras dos caminhos os vestígios indeléveis de sua passagem. Quando penetrou pela primeira vez na milagrosa Capela, ajoelhou-se e fez uma longa oração. Ao erguer-se, viu diante dos olhos a imagem de São Francisco. Fazendo um esforço sobre humano, conseguiu, com mãos frágeis e vacilantes, apegar-se as bordas do altar. Neste interim, ouviu uma voz serena e misteriosa, que lhe dizia: - *Se tens verdadeira fé, segue! Pedro caminhou sobre as águas...* O peregrino, largando então as bordas do altar caminhou, como se até então nada tivesse sofrido. Em breve voltou a terra, onde viveu ainda longos anos.

Esses fatos e muitos outros que seria enfadonho enumerar, que a tradição nos transmitiu, são por atestado vivo do grande valimento do humilde Patriarca de Assis, que, derramando abundantemente graças e consolações nas almas dos desgraçados, tem, duma maneira positiva, feito em torno de seu santuário e de sua imagem a solidez dessa veneração secular, dessa confiança absoluta, acendrando a fé e a crença em todos os corações de boa vontade. Muitos favores extraordinários tem ficado no silêncio e na ignorância pelos abjetos respeitos humanos, que muitos homens tem, envergonhando-se de fazê-los públicos. O preconceito estulto do século atinge também aos sentimentos de gratidão, nestes duros tempos que atravessamos, entre o rumor surdo da impiedade e do pessimismo humano.

A Igreja de São Francisco das Chagas de Canindé, como a de Lourdes, é o refúgio bendito de milhares de desventurados da sorte, que até ela vem exaustos, encontram lenitivo para as suas dores, alentos para as suas mágoas e fraquezas.

Na Casa dos ex-votos encontram-se muletas e bordões depositados ai como troféus gloriosos da misericórdia infinita de Deus, que aleijados e paráliticos, de remotas terras, tem vindo depor aos pés do Poderoso intercessor São Francisco.

As dores, os tormentos e as torturas da vida deixam nos corações, sentimentos indeléveis da existência de um Deus Eterno; as almas retemperadas pelas graças obtidas

pelo Santo sentem-se volvidas para este mesmo Deus, numa contrição religiosa de amor e gratidão. Os naufragos da vida que encontram ao pé de São Francisco o porto bendito da salvação e da caridade voltam a seus lares, reforçados para a grande luta da existência, cantando o hino da alegria e da esperança, numa reconciliação harmoniosa com seu Criador.

Glorioso e humilde Francisco, bendito sejas tu em todos os cantos da Terra! Bendito sejas tu, que tens o bálsamo santo da tua misericórdia abrandado tantas dores e aflições tantas, enxugando lágrimas inúmeras! Bendito sejas tu, chama viva da Caridade Cristã, que mereceste com os sacrifícios inumeráveis duma vida de cilícios e martírios o grande poder que exerces sobre os corações infelizes, o Dom de curar os cegos e os leprosos que se rojam a teus pés, intercedendo à misericórdia de Deus Todo Poderoso.

Bendito sejas tu, intermediário divino!

VI – A FESTA DE SÃO FRANCISCO

A tradicional Festa de Outubro, consagrada ao patrono da Matriz de Canindé, principia a 24 de Setembro pelo levantamento da bandeira, e encerra-se a 4 de Outubro de cada ano, pela procissão solene da venerada imagem do Padroeiro.

Desde remotos tempos, essa festa é feita com pompas e realces tais, que se tornou célebre entre as mais notáveis festas religiosas do Ceará.

A princípio, era feita por noitários, da forma seguinte: - os habitantes deste município se reuniam, formando grupos de três, quatro ou mais, dos mais abastados, e combinavam entre eles cada um fazer sua noite, isto é, ocorrer com as despesas da novena, bandeira, fogos de artifício, etc.

O povo, sempre propenso às rivalidades e muitas vezes remordido por uma ponta de vaidade, não deixou de exacerbar, nesse tempo, certos despeitos, querendo uns superar os outros, na disputa de melhor e mais pomposa noite de festa.

Esse fato chamou a atenção do Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano, o qual ultimamente, guiado pela prudência e pelo espírito de harmonia, aboliu esse sistema de festejar o Padroeiro, ordenando que fossem feitos os festejos anuais a expensas do cofre de São Francisco.

Desde o primeiro dia da festa, logo após a novena, são queimados belíssimos fogos de artifício, fabricados expressamente pelo inimitável pirotécnico Francisco Geminiano, cuja celebridade nesse ramo de arte, tem corrido o Estado. Depois da exibição desse espetáculo, sempre novo e atraente para o povo, um painel riquíssimo com a efígie de São Francisco, percorre as ruas da Vila, em procissão, até a penúltima noite da novena. Essa procissão noturna, que chamam vulgarmente bandeira é acompanhada de uma multidão enorme e compacta, que dia a dia, durante os festejos, vai chegando à vila, a ponto de atingir, na última noite, ao número de dez a doze mil pessoas.

Disposto o préstito religioso na melhor ordem, segue à frente uma rica bandeira, e formando alas atrás as diversas associações religiosas, alunos do Colégio São Francisco, dirigido pelos Frades Capuchinhos, as alunas das escolas, com bandeirinhas, lanternas e insígnias, vestidas todas de branco, outras com suntuosos trajes de anjos, dando, dessa forma, uma nota impressionante àquele cortejo religioso, que faz, em diversas ruas, uma pequena estação em que se canta o hino do Padroeiro.

Segue ainda atrás o painel já referido, ao som da banda musical de São Francisco, em cujo coice caminha a numerosa multidão de fiéis.

Esse préstito segue dentro de um rosário de archotes e lanternas, que o ladeia ao longo das ruas. Dentre a massa de povo que acompanha o cortejo, muitas pessoas, em

penitência, conduzem pedras à cabeça, pés descalços e outras provas de humildade em cumprimento das promessas feitas ao Santo.

Depois de percorrer todas as ruas a bandeira recolhe à Casa dos ex-votos, onde é dissolvido o préstito.

Nessa época, a vila apresenta um aspecto deslumbrante; as ruas e as praças iluminam-se, engalanadas de bandeirinhas multicores, e o Canindé todo se veste de galas, ao som festivo de sinos e músicas. Cuja alegria jovial confunde-se na alegria, no sussurro, na azafama, no júbilo intenso da massa popular, que formiga em todos os âmbitos, num adoçamento compacto.

O majestoso templo cobre-se de decorações luxuosas; os altares cintilam numa irradiação de sois, que ofusca e embevece; sente-se ao penetrar a Igreja, um transporte místico, um arrebatamento desconhecido, misto dessa piedade santíssima que nos transmitem a nota do órgão sacro, a lufada perfumosa do incenso, a radiância dos vitrais, as arestas incendidas dos vasos sagrados, todo esse conjunto magnífico de coisas simples que simbolizam a nossa crença religiosa.

O povo, na ocasião dos exercícios, enche por completo o recinto do templo, naves coro, coretos e corredores; o adro e as longas calçadas do mesmo não comportam a multidão enorme, universal, de todas as categorias sociais, pobres e ricos, negros e brancos, crianças e velhos, homens e mulheres; e essa ruidosa e turbulenta onda humana, vai crescendo gradualmente cada dia da festa, até que nos últimos, por numerosa, recua frenética, acotovelando-se, confundindo-se, atropelando-se, e vai derramar-se na Praça da Matriz...

De noite e de dia, por esse tempo, é a Igreja rodeada por penitentes, que, de joelhos, cumprem as suas promessas, retirando-se depois de terminada a festividade, levando consigo medalhas, medidas do Santo, óleo da lâmpada, e todas essas coisas veneradas, pelo povo, como relíquias piedosas.

Desde o início da festa, começam a chegar romeiros de todos os pontos do Ceará, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba; a maior parte destes aproveita o tempo da festa para cumprir as suas promessas, atravessando sertões, abrasados e longínquos, descalços, sedentos, até avistarem ao longe, desenhadas no azul das distâncias, as duas torres do miraculoso templo. Esse formigueiro humano que se move e se agita em todas as direções, à medida que correm os dez dias da festa, enche igualmente as estradas vizinhas.

Até mesmo estrangeiros tem visitado o Santuário por esse tempo, atraídos pela fé ou curiosidade. As casas da Vila são insuficientes para abrigar a população adventícia e transformam-se em verdadeiras hospedarias, tal o número de hóspedes a que dão pousadas. Armam-se latadas de ramos de oiticica pelos subúrbios da Vila, à margem das vias públicas, no leito do rio, à sombra das árvores circunstantes, em toda a parte, a ai se hospedam centenas e centenas de famílias.

Durante a festa, o Canindé, de pacata e silenciosa vila que é, transforma-se num centro agitadíssimo, empório de ativo comércio. O mercado público, as ruas e praças da vila regurgitam de mercadores de toda a espécie, mascates, jogadores, toda a sorte de negociantes e de negócios; improvisam-se quiosques, cafés, barracas, hotéis, barbearias, cosmoramas, gramofones, companhias dramáticas e de ginástica, uma infinidade de meios de cavar a vida, explorando, em todas as direções, as multidões enormes que invadem a vila.

Nos últimos três dias da festividade, o Canindé não dorme: um zumzum confuso e denso irrompe de todos os pontos, a toda a hora do dia e da noite; as casas de negócios não se fecham mais; a massa popular engrossa consideravelmente e arqueja e se agita no perímetro da vila, evocando os grandes empórios comerciais.

Sons destoantes de instrumentos espalham-se pelo ar, plangências finas de violas e violões, compassos derriços de harmonia e rabecas casam-se com o som das trovas populares dos poetas sertanejos, e o povo, atordoado, numa promiscuidade impossível, esquece a fadiga das grandes jornadas e diverte-se, e brinca, na mais cordial jovialidade, na mais franca camaradagem fraternal...

Na sociedade melhor, igualmente, formam-se outras diversões sociais, em harmonia com os costumes da população.

No meio do burburinho geral ouvem-se as cantilenas plangentes dos cegos e aleijados, que em grande número afluem à vila por esse tempo, tocando gaitas e pedindo esmolas em quadras populares, mal rimadas, mas, no entanto expressivas, nas quais há o cunho da originalidade:

- Eu peço por caridade
Pelos mistérios da Cruz
Meus irmãos, me deem uma esmola
Pelo amor de Jesus

Deus lhe pague a sua esmola,
Deus lhe dê muita alegria;
No reino do Céu se veja
Com toda a sua família.

É preciso notar que entre a multidão de toda a casta, costumes e educação, plebe baixa e ignara que se aglomera na vila, não se dão nunca conflitos ou assassinatos, edição feita na festa de 1901, na qual foi assassinado por um quitandeiro da feira um pobre homem do povo, na ocasião em que penetrava o barracão.

A procissão coronal da festa é de um encanto inexcelsível, suntuoso, deslumbrante, estupendo! Ao recolher esta à Matriz, está encerrada a festa de Outubro.

Desde então as estradas formigam novamente da multidão que se retira, alegre e triunfante, relatando uns aos outros as suas impressões e aventuras, e clamando, em altos brados: - *Não perco mais essa festa!*

Volta então à vila a sua calma habitual, até o ano seguinte, como que num repouso reparador das energias dissipadas durante os dez tumultuosos dias de festa. Durante esses dez dias o cofre do Santuário rende avultadíssima soma, subindo às vezes a 20 e mais contos.

Há grande deficiência de meios de transporte ou locomoção dos centros populosos para Canindé; se a ideia da construção de um ramal para esta vila tornar-se uma realidade, o número de povo triplicará certamente, pois são imensíssimos os sacrifícios daqueles que, em plena canícula, através de longínquos desertos onde nem água é fácil encontrar para os homens e as cavalgadas, arrostam às dificuldades de tão penosa viagem.

Se as representações feitas pelo povo de Canindé ao Governo Federal relativamente à construção de um ramal de Maranguape até Canindé, merecerem alguma atenção dos poderes públicos, e compenetrados dos grandes resultados que esse projetado ramal deixará à União, mandarem estes por em execução esse serviço, o Canindé, podemos dizer, será, em um não muito remoto futuro, a primeira cidade central do Ceará. Além disso, esse ramal em projeto será um meio poderoso para atenuar as consequências terríveis das secas periódicas que assolam as terras cearenses, facilitando o transporte de gêneros; muitas vezes, em épocas calamitosas, temos alguns deles de primeira necessidade por preços módicos em certos pontos do Estado, enquanto a população Canindeense compra-os por avultadas somas, devido à carestia e dificuldade de transporte. As estradas, nessas épocas, estão despojadas de forragens para

os animais, e o transporte de uma carga de gênero acresce ao preço deste outro tanto, e isso mesmo quando não se tornam impossíveis esses transportes.

Ultimamente o senhor Dr. J. J. Seabra, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, a quem foram endereçadas diversas representações relativamente à construção do ramal projetado, prometeu concretizar numa realidade, oportunamente, essa ardente aspiração do povo canindeense.

Realizado esse melhoramento, o Canindé será uma das primeiras, senão a primeira cidade do Ceará, porquanto já tendo vida própria, o ramal virá incrementá-la, trazendo, ao mesmo tempo, os inúmeros benefícios que linhas atrás apontamos.

FONTES HISTÓRICAS DE CANINDÉ

Canindé é uma terra mística que encanta as pessoas de fé, porque existe nesta terra um grande mistério do amor e da misericórdia de Deus, que se manifesta através dos milagres e das curas, das bênçãos e das graças operados por São Francisco das Chagas. Na intimidade vivida diariamente com este mistério cresce a cidade que acolhe doentes e sofredores, devotos e romeiros do Brasil inteiro, mas sobretudo do Nordeste sofrido e chagado, mas também teimoso na esperança e solidário na fé.

As crianças e os jovens de Canindé somente vão amar sua terra natal em profundidade, quando conhecerem bem suas raízes de fé e de devoção, a história do Santuário de São Francisco das Chagas pesquisada e contada pelos mais velhos.

Escolhi umas fontes históricas e pedi ao professor de português do Colégio Menino Jesus e da Escola Profissional Capelão Frei Orlando, José Narcélio Agostinho Bastos, que elaborasse uma versão escolar destas fontes, para que os alunos pudessem estudar num português atual estes escritos antigos e pudessem se identificar com o destino desta terra maravilhosa seguindo a Jesus no jeito de São Francisco.

Frei João Sannig – OFM
Santuário-Paróquia de São Francisco das Chagas
Arquivo Paroquial - Praça da Basílica, s/n, Centro - Canindé-Ceará
CEP: 62.700-000 – Site: www.santuariodecaninde.com